

CRÓNICA 253 AÇORES RICOS OU POBRES DOS AÇORES, MAIO 8.2019

Acabo de ler as últimas notícias da semana sobre os Açores com títulos sugestivos “Os salários mais baixos são os dos Açores”, “Açores é a região mais pobre de Portugal”, “A SATA perde um milhão por semana”... Os Açores têm uma economia do tipo “não ata nem desata” seja a SATA, seja a ATA, seja a SINAGA; Lotaçor, Saúdeçor, Portos dos Açores, Azorina, Espada Pescas, SDEA, SPRHI (Sociedade de Promoção e Reabilitação de Habitação e Infraestruturas, S.A.) Ilhas de Valor, conserveira Santa Catarina, Teatro Micaelense, Atlanticoline ou qualquer outra das empresas públicas (a única que dá lucros é a EDA) em que a dívida pública aumenta sem parar, graças a todas estas e outras empresas falidas para as quais se arranjam sempre uns milhões mais para deitar fora, e empregar mais uns tantos executivos.

A manipulação estatística é uma obra notável do grande timoneiro Sérgio Ávila, o homem ao leme que só vê lucros onde outros apenas vislumbram prejuízos avassaladores e que, em plena borrasca, fala do sol radiante da economia açoriana.

Há 77 mil açorianos em risco de pobreza, e mais 29 mil vivem em situação de privação material severa, em média aqui ganha-se menos 1829 euros do que a média nacional...e nos Açores há quatro vezes mais pessoas a receber o RSI do que no resto do país... Por cada 100 pessoas com 15 ou mais anos, nos Açores, 12 têm este apoio. Segundo dados de 2016, a média do país situa-se nos 3,2%. Por outro lado, um em cada quatro jovens dos 18 aos 24 anos (27,8%) já não está a estudar e não tem o ensino secundário completo. A taxa de abandono escolar precoce é cerca do dobro da média nacional, que se situa nos 13%.

A maioria da população das ilhas com 15 ou mais anos, e à semelhança do que acontece do continente, não tem mais do que o 9.º ano de escolaridade. Nos Açores, são sete em cada dez. Nos Açores, há 84 idosos para 100 jovens (dados de 2016), quando, em 2011, eram cerca de 60.

São Miguel é a ilha mais jovem – são 64 idosos para 100 jovens. Já nas Flores, a mais envelhecida, para dez jovens contam-se 15 idosos.

Os Açores, com um índice de poder de compra de 85% da média portuguesa, têm um PIB que é 2,1% do valor nacional. Temos um nível de poder de compra inferior ao nacional, incapazes de gerar valor e com um peso p de geração de riqueza que se fica por metade do padrão nacional no setor privado. Mas apesar disto (e as estatísticas mais recentes são piores do que a indicadas) congratulo-me com o invisível sucesso económico das ilhas, (em especial São Miguel, o Funchal do século 21), onde nascem hotéis e AL como se fossem cogumelos, com 350 camas na Ribeira Grande, e – espanto dos espantos - mais de 500 num aborto que querem implantar em Água d’Alto (um monólito de cimento no meio da paisagem... Como há semanas escrevia um turista ocasional (Mário Roberto)



Nesse terreno prepara-se para surgir “o maior hotel dos Açores”, um trambolho com 5 andares, 280 quartos e 583 camas numa zona que ainda mantém muito da ruralidade que caracterizava aquela zona e que se situa a alguns metros da praia da Pedreira uma aprazível zona balnear. Uma das justificações mais brandidas em defesa desse empreendimento tem sido a do número de empregos com que vai beneficiar o concelho de Vila Franca do Campo e outros lugares da ilha. Como se sabe, embora as pessoas pareçam não querer saber, esses empregos poderão ser sazonais e até mesmo mal remunerados.

Para além disso há um outro aspeto que me parece decisivo: como se sabe o turismo pode ser algo muito flutuante e até efémero. Catástrofes naturais, guerras têm feito os turistas procurar outros

destinos. Basta uma crise sísmica mais violenta para as pessoas deixarem de olhar para as ilhas açorianas como a coqueluche das paragens “a visitar antes de morrer”. Caso aconteça, o que não é assim tão inesperado, teremos uma manada de elefantes brancos a ficarem cada vez mais decadentes... Que virá fazer para cá um turista quando esta terra se transformar num imenso parque em que tudo é feito em função dessa mina de ouro que se considera ser o turismo? Pessoalmente (eu às vezes também sou turista) prefiro um destino aprazível, genuíno, culturalmente rico e despoluído. Nós temos isso tudo aqui mas parece que estamos apostados em transformar os Açores num sítio para onde ninguém quer vir passar as suas férias.

Ou como escreveu Filipe Tavares:

Uma grande contradição na governação de Marta Guerreiro (Secretaria Regional da Energia, Ambiente e Turismo), a sugerir que a sustentabilidade proclamada é apenas uma “fachada”. O que fez ou fará para evitar a construção deste hotel (580 camas) ao qual o Governo dos Açores atribui a classificação PIR – Projeto de Interesse Regional que permite o financiamento comunitário de 85% do seu valor a fundo perdido. E o Autarca de Vila Franca do Campo, Ricardo Rodrigues (forte defensor da incineradora) está, mais uma vez, a provar que o seu contributo enquanto decisor político é de se lamentar, atendendo nada fez para evitar este projeto através da alteração do PDM. Não podemos permitir que o turismo predador tenha espaço nos Açores!!! Os nossos governantes estão a atrasar a implementação / atualização de planos importantes como o PEPGRA (plano de gestão de resíduos) e o POTRAA (Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores). Estamos desde 2015 à espera que o PEPGRA seja atualizado de acordo com a diretiva europeia para a Economia Circular. É graças a esse “conveniente” atraso que a incineradora prevista para a ilha de São Miguel será financiada. Relativamente ao POTRAA – Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores, está em “banho maria” há 6 anos, para a conveniência de alguns e para que seja permitida a construção e financiamento de “abortos arquitetónicos” desproporcionais ao modelo de turismo que se pretende para a nossa Região, como é o caso do hotel que está prestes a inaugurar na Ribeira Grande (350 camas) e o hotel que pretendem construir em Água d’Alto (580 camas), junto à imaculada praia do Degredo.

E como já escrevi em tempos a débil indústria da construção civil precisa de construir 3 ou 4 megahotéis todos os anos para ser rentável, e estradas novas, novos parques de estacionamento para turistas, novas companhias de transporte de turistas, novas companhias de turismo subaquático e marinho, barcos para alugar, guias para os trilhos, eu sei lá. São infundáveis as potencialidades de trazermos todos os anos mais de um milhão de pessoas para verem os Açores. Dentre eles centenas iriam apaixonar-se e ficar cá recuperando casas devolutas, criando novas oportunidades de desenvolvimento. Políticos com esta visão de futuro já temos em todos os quadrantes políticos, investidores da Rússia às Arábias não faltam e é este o futuro que nos espera, até a National Geographic já nos chamou o Hawai do Atlântico. Bora lá toca a construir hotéis, um novo aeroporto, um novo porto de águas profundas, heliportos e, quem sabe, uma doca para submarinos de turismo para os mais afluentes e depois vou fugir para onde, Formigas? Ilhas Desertas?

Para o Diário dos Açores e Diário de Trás-os-Montes

Chrys Chrystello, Jornalista

[MEEA/AJA (Australian Journalists' Association – Membro Honorário Vitalício nº 297713,) carteira profissional AU3804]